

Um  
Inimigo  
do Povo  
Henrik Ibsen



**O INIMIGO DO POVO**

**de HENRIK IBSEN**

Adaptação livre de DOMINGOS DE OLIVEIRA

# PERSONAGENS

TOMAS STOCKMAN, Médico das Termas.

CATARINA, Esposa do Doutor Tomas. PETRA, Filha do Dr. Tomas.

PETER STOCKMAN, Prefeito. ALACKSEN, Sócio do Jornal.

HOVSTAD, Sócio do Jornal.

BILING, Jornalista.

CAPITÃO, Amigo da família.

*A ação se passa na pacata cidade de MOLENDAL.*

## *NARRADOR*

No dia em que nossa estória começa, o clima de Molendal é de euforia. Mais uma ala do estabelecimento termal está sendo inaugurada 53 pelo Prefeito e por seu irmão, Dr. Stockman, o mesmo que há alguns anos descobriu a própria existência das águas medicinais, os altos poderes curativos das águas de Molendal! Desde então Dr. Tomas Stockman, quanto mais não seja por isso, é considerado o maior amigo do povo, posto que nossa cidadezinha transformou-se em um dos mais importantes centros balneários do país, como nenhum dos senhores ignora. Nossos turistas afluem em maior número a cada temporada, o que faz com que o Dr. Stockman e o Prefeito Peter vivam, pela primeira vez, digamos assim, de mãos dadas, apesar das diferenças de personalidade... A verdade é que nosso nível de desemprego caiu quase a zero nos últimos meses... Não há pobres pela rua, ninguém morrendo de fome ou frio, quem não tem seu negocinho está em vias de tê-lo, porque o dinheiro entra regularmente nos cofres públicos e ninguém está descontente com a sua cidadezinha!

## CENA 1 | *Risos*

CATARINA — Então mais um! Mais um estabelecimento!

HOVSTAD — O maior e o melhor de todos, senhora Stockman!

*BILING (chegando até ela) — À sua saúde!*

ALACKSEN — Nunca em minha vida tomei uma sangria tão bem dosada! Água e vinho nasceram um para o outro.

CATARINA — Depende do vinho e depende da água. (*Risos.*)

*(Prefeito e Stockman tomam o centro.)*

PREFEITO — Você gasta dinheiro demais, Tomas, afinal tanta gente para cear...

STOCKMAN — Que melhor jeito de ganhar dinheiro ganho com trabalho, meu irmão, do que receber os amigos? Gosto de gente eu, de casa cheia. (*Para Catarina.*) Além de que não somos tantos.

CATARINA — Peter acha que não sou uma dona de casa econômica. (*Mostrando Stockman.*) A culpa é dele.

PREFEITO — Absolutamente, penso apenas que o bom senso é a maior das virtudes.

STOCKMAN — Gosto desta gente de Molendal, Peter. Isso aqui não é nenhuma metrópole, mas há esperança aqui. E onde há esperança há vida. futuro. Coisas enfim que animam um homem para a luta...

HOVSTAD (*aproximando-se*) — E para o Trabalho. Seu irmão, senhor Prefeito, não se abstém de escrever no "Mensageiro do Povo" quando tem algo a dizer.

PREFEITO — Bem o sei. E de modo algum o censuro por dirigir-se a um público no qual encontra eco. Aliás não tenho motivos de queixa contra o seu jornal, senhor Hovstad.

ALACKSEN — E por que haveria de ter?

PREFEITO — Em nossa cidade reina um belo espírito de união burguesa. Somos todos unidos em torno do mesmo interesse.

*HOVSTAD (brindando) — O estabelecimento termal. (Entram Petra e o Capitão.)*

PETRA — Boa-noite. Boa-noite a todos. Sr. Alacksen, Sr. Hovstad. Pai, olhe quem eu encontrei na rua e trouxe até aqui. (*Mostra o Capitão.*)

STOCKMAN — Capitão! Que prazer! Chegou em boa hora, Catarina, prepare a Sangria do Capitão. Petra, também quer uma?

PETRA — Quero, pai, mas deixe que eu preparo. O senhor faz muito forte.

HOVSTAD — Deu aula na escola hoje, senherita?

PETRA — Sim, duas horas.

BILING — E quatro no Instituto, pela manhã.

PETRA — Cinco.

CATARINA — Pelo que estou vendo tem muitos cadernos pra corrigir.

HOVSTAD — A senhorita trabalha demais, sendo tão moça ainda... vai acabar no jornalismo.

PETRA — Não me queixo, Hovstad. Durmo melhor depois de um dia de trabalho.

CATARINA — Filha do pai.

*(Prefeito e Stockman)*

PREFEITO — Tomas, eu soube, por minhas fontes, que há um novo artigo teu em vias de ser publicado no “Mensageiro do Povo”?

STOCKMAN — Sim, é verdade. Há uma coisa que escrevi no inverno, sobre as características e propriedades das nossas águas. Mas não vai ser publicado agora, prefiro esperar mais um pouco.

PREFEITO — Ótimo... mas por quê? É início da temporada, seria oportuno uma boa propaganda. Do ponto de vista da Prefeitura...

STOCKMAN — Vou esperar uns dias. Tenho meus motivos.

PREFEITO — Que motivos?

STOCKMAN — Escuta Peter, não posso te dizer, pelo menos por enquanto. Provavelmente não é nada, bobagem minha.

PREFEITO — Não gosto quando começam estes teus ares misteriosos. De um modo ou de outro espero que contraindicações ou mesmo novas indicações das águas me sejam informadas em primeiro lugar. Afinal são as Termas, e numa sociedade organizada o particular deve ser subordinado ao geral, ou seja, às autoridades encarregadas de zelar pelo bem geral.

STOCKMAN — Mas ô, Peter, não é só você... Eu sou o médico-chefe das termas, eu, eu... *(contendo-se)* ..me recuso a brigar. A última vez que briguei com você eu tinha quatorze anos, desde então jurei nunca mais cometer essa tolice.

PREFEITO — Justamente por ser seu irmão é que é preciso esclarecer bem certos pontos...

CATARINA — Acho que posso mandar botar a mesa, o assado está no ponto.

PREFEITO *(para ela)* — Infelizmente não poderei ficar.

CATARINA — Não janta conosco?

PREFEITO — Faço refeições leves à noite. Além do que já há muitos à mesa... Boa-noite a todos.

ALACKSEN — Boa-noite, senhor Prefeito. *(O Prefeito sai.)*

STOCKMAN *(para Catarina)* — Peter não simpatiza muito com nossos amigos da imprensa.

CATARINA — Hovstad é tão simpático, tem futuro. Viu o jeito que ele olha para a Petra?

STOCKMAN — Vi mas não vi. Não te mete, amor.

PETRA — Ah, pai! Quando eu ia entrando o carteiro me entregou esta carta para o senhor, e eu esqueci.

STOCKMAN — *Então me dê. (Pega a carta e bota os óculos.)*

CATARINA — É essa que você estava esperando, Tomás?

Stockman — Ê, é, com licença. Preciso ler isso com atenção. *(Sai.)*

PETRA — Que é, mamãe?

CATARINA — Não sei, mas ele não parava de perguntar pelo carteiro nos últimos dias.

ALACKSEN — Deve ser algum doente que mora no campo. *(Para o Capitão.)* Como vai passando nosso lobo do mar?

CAPITÃO — Bem! Nesta casa se está sempre bem.

CATARINA — Vou lhe trazer mais sangria... gostou? E sente-se. Esta não é a sua poltrona predileta? Não pense que não reparei. *(Biling e Hovstad jogam xadrez.)*

HOVSTAD — Cheque.

BILING — Eu não tinha visto. Eu nunca vejo.

HOVSTAD — Biling... parece que o doutor recebeu a tal carta que estava esperando, a carta da capital.

BILING — Sim, a novidade que ele anda anunciando sem dizer o que é.

HOVSTAD — E sobre a qual ando curiosíssimo. Segundo o doutor, é uma coisa que pode mudar a vida da cidade, não imagino o que possa ser... Biling, você está em cheque.

BILING — *Eu já vi. (Entra Stockman com a carta na mão.)*

STOCKMAN — Podem estar certos, amigos, que vamos ter novidades aqui na terrinha. ah, isso vamos. Pena que Peter já tenha ido embora.

ALACKSEN — Novidades?

CATARINA — De que se trata?

STOCKMAN — Uma grande descoberta, Catarina! Eu sabia, eu desconfiava, depois acham que sou louco...

HOVSTAD — O que o senhor quer dizer, doutor? Assim, o senhor nos assusta!

PETRA — Conta, pai.

STOCKMAN — Não é opinião geral que nossa cidade é um lugar saudável?

BILING — Certamente.

STOCKMAN — Tanto que recomendamos nossas águas, tanto aos doentes quanto aos sãos?

CATARINA — Claro, Tomas, claro...

STOCKMAN — Pois bem, nosso estabelecimento termal, a que chamamos a grande artéria, o nervo motor, não sei mais o que...

ALACKSEN — “O coração palpitante de nossa cidade”, tomei a liberdade de dizer num momento solene, lembram-se?

STOCKMAN — Pois bem. Sr. Alacksen. O coração está infectado, os banhos, as águas, tudo infectado!

ALACKSEN — Não pede ser!

BILING — Doutor!

HOVSTAD — É incrível!

STOCKMAN — Nosso estabelecimento é, nesse momento, perigosíssimo para a saúde pública! Terá de ser fechado por algum tempo.

ALACKSEN — Doutor Stockman!

CAPITÃO — Calma, senhores, calma. Tomas vai explicar.

STOCKMAN — Todas as imundícies do pântano das montanhas, todas as podridões que descem lá de cima, infectam a água da canalização, que vai ao reservatório. E esse lixo maldito destila seu veneno até a praia...

PETRA — Até os banhos de mar?

STOCKMAN — Exatamente.

CAPITÃO — E como o senhor teve certeza de tudo isso?

STOCKMAN — Através de pesquisas, meu caro, as mais detalhadas e conscienciosas possíveis! Há muito que eu já ando desconfiado da coisa. No verão passado, entre visitantes e banhistas encontrei vários casos de afecções tifoides e gástricas... sem nenhuma explicação aparente.

CATARINA — Eu me lembro.

STOCKMAN — No princípio achei que a infecção era trazida pelos banhistas. Mas no inverno a coisa persistiu. .. eu fiquei preocupadíssimo e mandei examinar as águas! Mandei amostras para a Universidade da Capital, requisitando um exame químico completo. E aqui está o resultado: presença de substâncias orgânicas em decomposição, a água está cheia de infusórios. Qualquer uso, interno ou externo, é totalmente desaconselhável... e talvez perigosamente prejudicial à saúde!

CATARINA — Louvado seja Deus, Tomás, que você descobriu isso há tempo, antes que muita gente seja prejudicada!

STOCKMAN — Louvado seja, é isso, Catarina. *(Beija a filha.)*

ALACKSEN *(levantando-se pálido)* — Mas então, Doutor, desculpe dizer não, eu não quero dizer... o estabelecimento não pode ser fechado, nossa economia depende do estabelecimento,

*estamos perdidos... Deve haver um meio, é claro, não, Doutor, que há um meio?*

STOCKMAN — Sim, claro que há! O estabelecimento terá que fechar temporariamente! Um período curto, apenas o suficiente para trocar os encanamentos.

CAPITÃO — Todos os encanamentos?

Stockman — É, vão ser todos, quer dizer, aproveita-se os canos. Porque a captação das águas foi feita muito embaixo, vai ter que ser feita muito mais acima, além dos pântanos, é o único jeito, não há discussão. (*Explodindo.*) Você se lembra, Petra, eu sabia disso todo o tempo. Fui contra o projeto deles desde o início, claro que tinha de ser captado em cima na nascente.

PETRA — Claro que lembro.

ALACKSEN — Então, graças a Deus a situação tem jeito!!!

STOCKMAN — Eu já estudei muito, um primeiro estudo para apresentar à administração das termas caso os exames confirmassem minhas suspeitas. Pega lá, querida, é a pasta cinza que está embaixo na mesinha de cabeceira. (*Petra vai.*) Estou com o relatório pronto desde a semana passada. Catarina, pede a Maria para levar imediatamente a Peter, ele precisa ser o primeiro a saber, que ele leia, eu vou lá na primeira hora amanhã. Peter, talvez fique aborrecido de ter sido eu e não ele quem fez a descoberta.

CATARINA — E isso te preocupa muito.

STOCKMAN — É claro que no íntimo ficará contente, mas tem um medo horrível que outra pessoa preste serviço à comunidade...

PETRA — Quem sabe, pai, você não pode dar um jeito dele acreditar que a descoberta foi dele...

CATARINA — Petra!

STOCKMAN — Ah, meu Deus, de qualquer modo é um problema!

HOVSTAD (*levantando-se*) — Dr. Stockman, permite que eu publique uma nota sobre a descoberta, no “Mensageiro do Povo”?

STOCKMAN — Sua obrigação é publicar. O fato é de interesse público, infelizmente todos têm de saber o quanto antes.

. BILING — Na minha modesta opinião, a cidade deveria fazer uma homenagem oficial, uma moção de agradecimento ao Dr. Stockman por esta descoberta. (*Para Hovstad.*) Não acha?

HOVSTAD — Sem dúvida, a reputação das termas estaria arruinada, caso o doutor não tivesse...

STOCKMAN — Por favor, senhores, obrigado, mas não vai haver tempo para representações de feira. O trabalho vai ser muito.

ALACKSEN (*que se continha até agora*) — Na qualidade de impressor do “Mensageiro do Povo” e presidente da Associação dos Proprietários das casas, é preciso que eu defina a minha posição! Conte conosco, Dr. Stockman! Tem o nosso apoio nesse projeto dos encanamentos! E como o senhor sabe, nunca e demais contar com nós outros, os pequenos burgueses, que formamos por assim dizer, a maioria compacta. Quando apoiamos qualquer tipo de luta...

STOCKMAN — Sem dúvida, Alacksen, mas não há luta...

HOVSTAD — Nunca se sabe...

ALACKSEN — Concordo que não há luta, e se houvesse eu seria contra. Sou sempre a favor dos acordos, da moderação e da temperança. Mas poderá precisar de nós, como não?

STOCKMAN — Em que sentido...

ALACKSEN — Conheço as autoridades. O senhor pode acreditar, os que estão no poder, sejam quem for, não acolhem de boa vontade os projetos dos outros, oh, não! Eis porque, a meu ver, seria conveniente, e até de alta relevância, uma pequena manifestação de apoio, ou pelo menos um manifesto por parte dos proprietários das casas... redigido com moderação e temperança, claro.

STOCKMAN — Não, obrigado, não aceitarei homenagens, nem por parte da administração.

HOVSTAD — Como jornalista... como jornalista gostaria que o doutor me esclarecesse um ponto. Para elucidação dos leitores. Se os encanamentos atuais foram construídos de um modo por assim dizer errôneo, de quem seria a culpa ou responsabilidade do erro? Possivelmente da administração do balneário e portanto da Prefeitura?

STOCKMAN — Sim, eu vejo onde você quer chegar. É claro que Peter... a situação é delicada.

HOVSTAD — Delicadíssima.

STOCKMAN — Reconheço que cometeram um erro pesado. Mas uma vez que se vai justamente remediar o mal...

HOVSTAD — O senhor julga realmente. que as coisas correrão as mil maravilhas?

STOCKMAN — Bem ou mal terão de ser encaminhadas.

HOVSTAD — Principalmente se a imprensa se ocupar do caso.

STOCKMAN — Não vai ser preciso, absolutamente. Tenho certeza que meu irmão será o primeiro...

HOVSTAD — O senhor desculpe, mas pretendo enfocar todo o assunto em meu jornal. Um jornalista de tendências populares, como eu, não pode deixar escapar uma tão boa oportunidade de solapar a velha lenda da infabilidade dos homens que nos dirigem. Como qualquer outra superstição. esta deve ser destruída até as próprias raízes.

STOCKMAN — Nesse ponto eu me associo com você de todo o coração. Se é superstição, fora com ela, mas...

HOVSTAD — Desejo muitíssimo poupar o prefeito, por ser ele seu irmão. Mas a verdade antes de tudo, não acha?

STOCKMAN — Acho! Entretanto...

HOVSTAD — Sou um jornalista de tendências populares como o senhor sabe. Isso me permitiu examinar de perto as camadas populares. Também elas devem dirigir os interesses públicos.

Não posso deixar escapar nenhuma oportunidade de emancipação da massa dos humildes. Sei perfeitamente que entre os figurões não passarei de um agitador mas...

STOCKMAN — Perfeito, Hovstad... porém reflita...

ALACKSEN — Esse assunto da canalização das águas é da maior importância para nós, os pequenos burgueses. Não promete o estabelecimento balneário ser uma pequena mina de ouro? Não é dele que retiramos e pretendemos ainda mais retirar a nossa subsistência? Por isso estamos decididos a amparar o estabelecimento com todas as forças.

STOCKMAN — Senhores! Aceitam mais uma sangria? E por favor, não me transformem isso numa briga política, eu detesto política! E já bastam os problemas que temos, as águas estão contaminadas... *(Eles sorriem.)* Quanto à publicação, caro Hovstad, aqui está a cópia do relatório que mandei a Peter, leia, não é mais segredo, amanhã conversamos... Claro não publique nada antes do prefeito saber, não seria polido. ..

ALACKSEN — Não deve haver publicação sem assentimento do prefeito.

STOCKMAN — E que será o primeiro a querer publicar. E de antemão agradeço muito a todos o interesse e apoio que manifestaram. Na. da melhor para um homem que sentir-se apoiado pela imprensa, pela maioria compacta, enfim, por seus amigos e concidadãos.

ALACKSEN — Brindo ao povo de Molendal, que tem a ventura de contar com homens como o Dr. Stockman velando incansavelmente por sua segurança. Viva o Povo de Molendal! *(Todos brindam.)*

CATARINA — Então é para a América que o senhor vai, Capitão?

CAPITÃO — Sim, pelo menos é o que está programado.

BILING — Mas então o senhor não vai tomar parte nas eleições municipais?

CAPITÃO — Vão haver novas eleições?

BILING — Não sabia?

CAPITÃO — Para falar a verdade, não entendo dessas coisas.

BILING — Mas mesmo assim deve votar!

CAPITÃO — Mesmo sem entender da coisa?

BILING — Mas como assim, Capitão? O que o senhor quer dizer? A sociedade, ela é como um navio. Todos devem estar no leme.

CAPITÃO — É possível que em terra firme seja assim. No mar seria naufrágio na certa.

## CENA 2 | *Gabinete do Prefeito*

STOCKMAN (*entrando*) — Peter, ô rapaz, passei na tua casa, você já tinha saído...

PREFEITO — Senta, Tomas.

STOCKMAN — Então leu?

PREFEITO — Li e reli várias vezes. Para ser exato, passei a noite inteira lendo e relendo.

STOCKMAN — É terrível, não? Então, como vamos fazer?

PREFEITO — Você precisava mesmo ter feito todas essas investigações? E nas minhas costas?

STOCKMAN — Não pretendi fazer nada nas tuas costas. Eu precisava ter certeza...

PREFEITO — E conseguiu essa certeza?

STOCKMAN — Infelizmente. Por quê? Você não?

PREFEITO — Você tenciona mandar o relatório à direção do estabelecimento em caráter oficial?

STOCKMAN — Desculpe, não entendo. Você é o diretor do estabelecimento.

PREFEITO — Você emprega termos violentos. Como sempre aliás, em teus relatórios. Aqui por exemplo: “O que ofereceremos aos nossos hóspedes é um jato contínuo de veneno”.

STOCKMAN — É verdade. Pessoas podem adoecer e até morrer se não forem tratadas a tempo. Pessoas doentes que vêm a nós em confiança e que nos pagam bom dinheiro para recuperar a saúde!

PREFEITO — E depois, de dedução em dedução, você conclui que precisamos construir um esgoto para as supostas imundícies dos pântanos, além do que, trocar para o outro lado o sistema de canalizações.

STOCKMAN — Você imagina outro meio de resolver o problema? Eu não consegui imaginar...

PREFEITO — Saí cedo de casa e dei um pulo na casa do nosso engenheiro de obras.

STOCKMAN — Ótimo!

PREFEITO — Inventei um pretexto qualquer e meio a sério, meio brincando, aventei a hipótese de um dia realizar essa mudança que você cita no relatório...

STOCKMAN — Ura dia?

PREFEITO — Ele sorriu, o engenheiro. Senti que tinha dito uma extravagância. Num primeiro orçamento, as obras custariam, pelo menos, 10 milhões de coroas.

STOCKMAN — É tão caro assim?

PREFEITO — E o tempo das obras, isso te interessa?

STOCKMAN — Peter...

PREFEITO — Dois anos no mínimo, com o estabelecimento fechado.

STOCKMAN — Mas talvez haja um meio técnico, de abreviar e baratear...

PREFEITO — Dois anos e dez milhões de coroas, se não houver imprevistos.

STOCKMAN — Meu Deus!

PREFEITO — E quando o estabelecimento fosse finalmente reaberto, que doente viria a Molendal? Depois das águas terem sido publicamente consideradas nocivas à saúde?

STOCKMAN — Mas elas são, elas são! É uma crise que juntos teremos de...

PREFEITO — Crise! Você usa cada termo... (*Explodindo.*) É o fim, a ruína, o desastre! No exato momento em que nossa cidade começa a prosperar! Porque as cidades vizinhas, meu caro, também podem transformar-se em estações de águas, e não hesitarão em fazê-lo, eu conheço as prefeituras! Lançarão mão imediatamente de (odos os recursos para atrair os turistas de Molendal. Esse teu relatório é inadmissível, é um tiro nas costas do nosso povo!!!

STOCKMAN — Peter, você está nervoso, eu compreendo, embora não goste que gritem comigo. Não sou burro, já compreendi que estamos todos numa situação muito difícil. O que não impede das águas estarem poluídas, os exames provam. Eu estou confuso mas sei que não é para brigas. É preciso que nos unamos...

PREFEITO — Teu relatório não me convence. As condições do balneário não podem ser tão precárias.

STOCKMAN — Meu relatório é otimista. A situação é má e tornar-se-á insustentável com o calor do verão!

PREFEITO — Além do que, os encanamentos que estão aí, estão aí, as providências terão de ser tomadas a partir deste fato consumado, para isso existem os médicos.

STOCKMAN — Continua, conclui...

PREFEITO — Isto não quer dizer que a Prefeitura não vá examinar a situação. Vai. imediatamente, porém no tempo devido. Realizando os reparos dentro de uma programação paulatina, sem alarmes.

STOCKMAN — Com a minha ajuda, naturalmente. Você espera que eu me associe ao logro.

PREFEITO — Logro?

STOCKMAN — Infelizmente é mais que isso, é um crime.

PREFEITO — Não me convenço do perigo!!!

STOCKMAN — Impossível que você não esteja convencido, meu relatório é claro e as provas concludentes. Você está convencido mas não quer entrar no negócio. É por tua causa que os edifícios e os canos estão onde estão, e você não pode assumir o erro.

PREFEITO — E mesmo que assim fosse? Se eu me preocupo, confesso, com a minha reputação, é no interesse da comunidade! Sem autoridade moral, não posso impor aos negócios públicos a direção mais proveitosa, e todos perdem com isso! Eis porque entre muitos outros motivos, não quero que teu relatório seja apresentado à direção. Proíbo e me dou o direito de proibir, em

nome do interesse público. Sou o prefeito desta cidade, a autoridade máxima, tenho, portanto, por dever, a defesa do povo e compreenda que nesta medida, que chego até essa desagradável proibição! Ainda não há nenhum documento assinado, nada oficial, o assunto pode morrer aqui! É do interesse público que morra. E a partir disso vamos ver o que podemos fazer. Sem alardes, sem propaganda, em silêncio. Nada do que dissemos, absolutamente nada desta maldita questão deve sair de dentro desta sala!

STOCKMAN (*indo embora*) — Isso não é mais possível, já há gente informada.

PREFEITO — Quem? Você contou pra quem? Espero que não seja aquela gatinha do “Mensageiro do Povo”.

STOCKMAN — Eles também já sabem. Estavam jantando ontem em casa, você viu.

PREFEITO — Tomas, e você contou a eles sobre as águas, cometeu essa leviandade?

STOCKMAN — Por favor, me largue, eu não me arrependo.

PREFEITO — Louco! Estamos em vésperas de eleições. As consequências serão graves, para ti e para os teus.

STOCKMAN — Que é isso? Uma ameaça?

PREFEITO — E se for? Eu sou o teu chefe! Você deve a mim o cargo que tem hoje no estabelecimento!

STOCKMAN — Tudo me indicava para o cargo! Fui eu que, antes de todos vislumbrei os poderes curativos das nossas águas, todos sabem disso...

PREFEITO — Chega de meias palavras! Senta. Senta de novo, senta.

STOCKMAN — Se é para nos entendermos, com prazer.

PREFEITO — É para isso. Se você foi suficientemente indiscreto para compartilhar com outras pessoas um assunto da diretoria, será impossível, é claro, abafar a questão, conforme seria a melhor solução. Agora, eis o que a Prefeitura espera de ti. Tens de pedir outros exames, outros. Os novos exames provarão que, embora o problema exista, não é tão grave quanto parecia. Então prestará uma declaração pública, que, o governo desta cidade saberá resolver tudo, justa e conscienciosamente. Estamos entendidos.

STOCKMAN — Não se pode matar micróbios com política.

PREFEITO — Como funcionário do estabelecimento não tens direito a essa opinião.

STOCKMAN — Vai ser difícil explicar isso aos que morrerem por causa das águas.

PREFEITO — A questão não é médica, é econômica. Teremos de tomar os cuidados, eu sei, sou um político.

Mas como político, tenho de defender a maioria e não o caso particular, os fins justificam os meios. Tua ati<sup>o</sup>3

tude é individualista e alienada, e desse modo terei de pedir que redijas tua carta de demissão.

Não é possível ter dentro do serviço público um homem que ataca as próprias fontes onde o povo vai buscar sua subsistência.

STOCKMAN — Mas desgraçado, escuta. As fontes estão envenenadas! Causam doenças em quem as bebe. O comércio, do qual vivemos é um comércio de imundícies, nossa vida social, embora florescente, repousa sobre uma mentira... o povo...

PREFEITO — Não ouse pronunciar tal palavra. Um homem que emite tão odiosas insinuações sobre a sua própria cidade, não preza seus concidadãos. É um inimigo do Povo!

STOCKMAN — Eu me envergonho de ti, meu irmão! *(Sai.)*

## CENA 3 | *Casa do Dr. Tomas Stockman*

STOCKMAN — É tudo minha culpa! Eu já devia ter posto Peter no lugar há muito tempo! Inimigo do povo, inimigo do povo, eu!

PETRA — Nunca pensei que o tio fosse capaz!

CATARINA — Calma vocês dois! É ele quem está no poder...

PETRA — É um procedimento revoltante para com um homem como o pai!

CATARINA — Cala a boca! É ele quem está no poder, é ele quem manda! Meu bom Tomas...

STOCKMAN — Qual poder, minha boa Catarina? A imprensa está comigo, a maioria compacta dos cidadãos comigo, quem tem o poder sou eu!

PETRA — Bravos, pai!

STOCKMAN — Ou não entendo mais nada!

CATARINA — Santo Deus! Tomas Stockman, você não está pensando em...

STOCKMAN — Em que... em quê?

CATARINA — ...enfrentar teu irmão?

STOCKMAN — Você vai ver como tudo isso vai acabar...

CATARINA — Vai acabar na tua demissão, só, é onde vai acabar.

STOCKMAN — Que seja, terei cumprido meu dever com o povo.

CATARINA — Não é só com o povo teu dever. É conosco também! Comigo, com tua filha...

STOCKMAN — Mais duas razões para enfrentar Peter, e aquela sinistra Prefeitura. Admitindo que eu fosse um covarde total, capaz de rastejar diante do primeiro berro do poder, com que cara eu olharia depois, ao me levantar, para vocês duas!?

CATARINA — É injustiça, eu sei, meu amor... mas não são poucas as injustiças que temos de enfrentar nesse vale de lágrimas. Assim é que é. Quando você vai aprender isso? Peter é teu irmão, mas é rancoroso, não perdoará. Nós já vivemos muito tempo sem tostão para o dia seguinte, eu não esqueci. Já passamos fome, eu não esqueci. Não posso permitir que isso aconteça de novo aos meus...

PETRA — Você só pensa em dinheiro, mãe? Na segurança? Em mais nada?

CATARINA — Cala a boca, menina, eu já mandei!!! Você não sabe nada da vida, ele tem obrigações...

STOCKMAN — Catarina, meu anjo. Te peço um favor, cala a boca. Ouvir o poderoso prefeito dizer essas coisas, eu me torço e aguento. Ouvir você é demais... Prepara um café para mim, vai, aquele dos teus.

## CENA 4 | *Na rua: Petra e Hovstad*

HOVSTAD — Senhorita Petra. Petra!

PETRA — Hovstad! Você estava me esperando? Pois eu ia mesmo passar no “Mensageiro...”

HOVSTAD — A redação está um caos, por causa do relatório do senhor seu pai. Nunca vi nada excitar tanto o Alacksen e o Biling...

PETRA — É que eu queria lhe devolver aquela novela inglesa...

HOVSTAD — Devolver?

PETRA — Sim... não tenho vontade de traduzi-la.

HOVSTAD — Ora! Mas por quê? A senhorita havia prometido...

PETRA — Sim, eu disse que ia traduzir antes mesmo de ler, mas agora... bem, eu suponho que o senhor também não chegou a ler?

HOVSTAD — Passei os olhos. Como sabe, não entendo perfeitamente o inglês...

PETRA — Então me permita um conselho. (*Devolvendo o livro.*) Escolha outra novela. Isso aqui não serve para o “Mensageiro”.

HOVSTAD (*achando graça*) — E por que posso saber...?

PETRA — As ideias do livro não coincidem com aquelas que o “Mensageiro” defende.

HOVSTAD — Sim, mas até aí...

PETRA — Tenho certeza que o senhor não está compreendendo. Trata-se de uma estória extremamente tola, na qual os bons são bons, os maus são maus, havendo por cima de tudo um poder sobrenatural que concilia as situações, naturalmente recompensando os bons e castigando os maus... bem, nós sabemos que as coisas não são tão simples assim.

Hovstad (*encantado*) — Bravo! Bravo! A senhorita formula com tanta ênfase... Mas o povo gosta deste tipo de leitura, este é o tipo de alimento que eles saboreiam...

PETRA — E ao senhor compete servi-los?

*HOVSTAD (depois de um instante)*

— Tem toda a razão, senhorita. (*Resolvendo falar mais sério.*) Porém prefiro ter uma posição mais objetiva, digamos assim, talvez por militar na prática da imprensa. Um redator de jornal nem sempre pode fazer o que deseja... Muitas vezes é preciso curvar-se diante dos gostos populares. Nas coisas de menor importância, claro. A política é o que há de mais importante no mundo, pelo menos para um jornal. Mas se queremos ter leitores, não podemos assustá-los. Se no andar térreo, eles encontram um belo conto moral desta natureza... então mais facilmente subirão ao primeiro andar, pode entender... ?

PETRA — Não posso acreditar que o senhor pense assim. Não iria armar tais armadilhas para seus leitores, um jornalista não é uma aranha à espreita da presa.

Hovstad (*tocado*) — Novamente bem formulado... mas errado. Temos o dever de elevar o povo à cultura, ao progresso, à liberdade... mas antes, caríssima Petra, é preciso tê-lo conosco, agradá-lo. Conquistá-lo.

PETRA (*fechando a questão*) — Estranho que um jornal com esse tipo de filosofia possa publicar o relatório de meu pai.

HOVSTAD (*embaraçado*) — Quanto ao relatório de seu pai ninguém mais que eu deseja publicá-lo, lógico! Seu pai é um homem formidável, de grande coragem, além de, naturalmente, ser seu pai. Meu desejo principal é sempre agradá-la, senhorita Petra.

PETRA (*finalmente irritada*) — Pois saiba que não está conseguindo. Deve publicar o trabalho de meu pai pelo seu conteúdo, e não por causa de ninguém. [*Vai sair.*]

HOVSTAD — Petra, eu...!

PETRA — Creio que não temos mais nada para nos dizer, Sr. Hovstad.

HOVSTAD — Não é hora para tanta dureza.

PETRA — Não é hora?

HOVSTAD (*arrependido*) — Neste momento o senhor seu pai não pode prescindir do meu apoio.

*PETRA (depois de um momento)*

— *Que tipo de homem você é? (Petra sai sem esperar resposta. Hovstad pensa em segui-la, desiste. Nota que está diante do jornal. Entra.)*

## CENA 5 | *Redação do jornal "Mensageiro do Povo".*

*(Alacksen trabalha. Biling lê, charuto na boca. Hovstad entra.)*

HOVSTAD *(baixo para Biling)* — *Leu tudo?*

BILING *(sem querer que Alacksen ouça)* — De ponta a ponta, estou relendo.

HOVSTAD — Ríspido, não lhe parece?

BILING — Esmagador! Cada palavra é...

HOVSTAD — Calma, senão o senhor Temperança se assusta.

BILING — Mas você publicará ele querendo ou não. Ou não? Ele também é sócio do jornal, mas...

HOVSTAD — Meu caro, eu publico de qualquer jeito. Observe a situação curiosa que as revelações do doutor estão prestes a criar... Se o prefeito rejeita o projeto do irmão, ele perde o apoio da Associação dos Proprietários das casas, da pequena burguesia e do resto da população.

Se ele aceita... então se indispõe seriissimamente com seus coleguinhas donos do estabelecimento que terão de desembolsar grosso dinheiro para trocar os canos... de modo que quem sai mal dessa é o Prefeito. *(Sério.)* Chegou a hora de derrubá-lo, caro Biling, a situação vai virar.

STOCKMAN *(entrando)* \_ Bom-dia, senhores, como vai nosso trabalho?

ALACKSEN — Quase pronto, doutor, isto é, bem adiantado, digamos assim.

STOCKMAN — Ótimo. Então. Hovstad. que diz do meu trabalho?

HOVSTAD — Digo... é uma obra-prima, Sr. Stockman. Não tenho dúvidas em prever que o senhor terá a seu favor todas as pessoas esclarecidas.

ALACKSEN — E todas as pessoas sensatas, não é?

BILING — Sensatas ou insensatas, estão todas com o senhor!

HOVSTAD — O artigo pode ser publicado amanhã?

STOCKMAN — Pode, pode. Não há tempo a perder. Ouça, Sr. Alacksen,

quero que o senhor se encarregue da primeira revisão. Cuide dele como de um tesouro, cada palavra tem importância, e por favor, não suprima um único ponto de exclamação. Se puder ponha mais dois ou três.

BILING — Amanhã estará na rua como uma bomba!

STOCKMAN — Submetido ao julgamento dos cidadãos competentes. Tenho planejados mais quatro ou cinco artigos.

ALACKSEN — Todos sobre o assunto das águas?

STOCKMAN — Assuntos diversos. Porém, todos concernentes ao mau funcionamento da Prefeitura.

BILING — Trocando a medicina pela política, doutor?

STOCKMAN — Em absoluto. Porém cumprindo conscientemente meus deveres de cidadão. Os senhores não imaginam, não podem imaginar, senhores, a reação do Prefeito, meu próprio irmão, à questão das águas...

HOVSTAD — Ah, sim...

ALACKSEN (*temeroso*) — O senhor já esteve com ele? E ele...?

STOCKMAN — ... tentou convencer-me que a situação deveria ser tratada através de paliativos burocráticos! Ameaçou-me de tudo, tentou obrigar-me a escrever um desmentido de meu próprio relatório. Enfim... não apenas desafiou-me como provou que, apesar de meu irmão, não tem capacidade, nem mesmo integridade moral, para dirigir os interesses de uma cidade como a nossa! Desculpem a sinceridade, senhores, estou muito aborrecido com tudo isso! Evidentemente estou falando entre amigos, nada do que disse é para publicar, pelo menos nesses termos...

Alacksen (*apavorado*) — Porém, Doutor Stockman, não seria talvez melhor se, queria dizer, o...

STOCKMAN — Se ele quer guerra, Alacksen, guerra ele terá! Pelo menos assim fica em paz minha consciência, na certeza de estar fazendo tudo que posso fazer pela nossa brava gente. Molendal precisa de homens de ação no governo, homens de verdade, e não politicozinhos atrás das mesas.

HOVSTAD — Bravos, doutor: (*Batendo palmas.*) O senhor é o que se pode chamar de um amigo do povo!

STOCKMAN — Por favor, Hovstad! Estou revoltadíssimo com a atitude de Peter, sentido mesmo... Bem, vou indo. Preciso visitar um pobre coitado com crise renal, e rim dói! Vim ver como vai indo a impressão e volto numa meia hora. Até a vista, amigos. Obrigado. Até a vista. (*Stockman sai.*)

HOVSTAD (*pensativo*) — Este homem vai nos prestar grandes serviços.

ALACKSEN — Mas que se limite ao assunto das águas!!! Onde já se viu, que imprudência! Como se não bastasse o assunto das águas... Se quiser ir além das águas não será prudente segui-lo!

HOVSTAD — E as escolas da cidade? As indústrias? A polícia? O preço dos gêneros alimentícios? O senhor acha que tudo isto corre a contento? Às mil maravilhas?

ALACKSEN — Não sei! No momento não sei e não quero saber. Sr. Hovstad. Quando um homem possui bens a preservar, ele não pode pensar em tudo! Meu coração, Deus sabe que está sempre com o povo... porém não nego que meu raciocínio tende normalmente para o lado do governo, e se assim não fosse... (*Batidas na porta. Entra o Prefeito de bengala, boné e capa.*)

PREFEITO — Posso entrar? Não esperava ver-me uffi dia por aqui, não é mesmo, Sr. Hovstad? Agradável aqui. Vocês estão melhor instalados do que eu imaginava.

ALACKSEN — Mas... sente-se, Sr. Prefeito, sente-se...

PREFEITO (*tirando a capa e o boné*) — Irei direto ao assunto. (Senta.) Meu irmão apresentou-me um relatório absurdo sobre pretensos defeitos nos encanamentos das águas.

HOVSTAD — Ah, sim?

PREFEITO — Disse-me também que os senhores possuem uma cópia do relatório e que pretendem publicá-lo, no jornal de amanhã.

ALACKSEN — Bem, realmente... o doutor pediu que publicássemos... algo... confesso que ainda não li direito, eu...

PREFEITO — Mas vai publicar mesmo sem ter lido direito!

HOVSTAD — Não negamos nada a um homem como seu irmão, Sr. Prefeito.

PREFEITO — Senhores... uma ponderação.

ALACKSEN — Sim. Sim?

PREFEITO — O senhor é um homem sensato, Sr. Alacksen...

ALACKSEN — Alegro-me em ouvi-lo dizer isto...

PREFEITO — E tem certa influência sobre a massa da população.

ALACKSEN (*concordando*) — Sobre a gente miúda, modestamente, sim senhor.

PREFEITO — Os pequenos contribuintes! Aqui, como em toda a parte, muito numerosos!

ALACKSEN — Correto, Sr. Prefeito.

PREFEITO — Pois que enfão conhece bem as dificuldades financeiras •dessa gente miúda, como o senhor disse.

ALACKSEN (*apavorado*) — Sim,

claro... mas...

PREFEITO — Neste caso, não creio que tenhamos nenhum problema. Já que existe um espírito comunal de sacrifício tão grande, entre a gente miúda desta cidade.

ALACKSEN — Não compreendi...

HOVSTAD — Espírito de sacrifício?

PREFEITO — Não serão pequenos os sacrifícios que teremos de suportar. As obras sugeridas por meu irmão em seu relatório, segundo um primeiro orçamento, ascendem acerca de 10 milhões de coroas... no relatório que os senhores vão publicar. É bem claro que os sócios do estabelecimento não terão condições de arcar com as despesas por si próprios. A Prefeitura se verá impelida a criar um imposto especial, uma espécie de empréstimo à comunidade, talvez seja esta a fórmula...

HOVSTAD (*indignado*) — Porém o senhor não pretende que seja exatamente a camada mais

desfavorecida da população quem...

ALACKSEN (*trêmulo*) — O dinheiro teria de sair dos cofres municipais? Do bolso magro dos pequenos?

PREFEITO — Sem dúvida. Não há outra solução. (*Silêncio geral.*)

ALACKSEN — Bem, neste caso então convém que... seu irmão foi muito precipitado em...

PREFEITO (*tirando do bolso um envelope*) — Eu redigi uma breve exposição do caso das águas, conforme ele se apresenta na realidade, para quem o encara com o espírito são. Inclusive indico, de modo sumário, como se poderia contornar os possíveis inconvenientes sem ultrapassar os recursos dos quais dispõe o estabelecimento.

HOVSTAD (*adiantando-se*) — Eu poderia ler?

PREFEITO (*entregando*) — Leiam... e se desejarem publicar...

BILING (*olhando pela porta*) — O Doutor Stockman vem aí.

PREFEITO (*impaciente e contrafeito*) — Não desejo encontrá-lo. E precisamos terminar este assunto...

HOVSTAD (*abrindo uma cortina ao fundo*) — Bem, se o senhor Prefeito não se incomoda, por favor, entre aqui e espere um momento.

PREFEITO — Está bem, mas vejam se ele não demora.

HOVSTAD — Um instante. (*Para Biling e Alacksen.*) Finjam que estão trabalhando.

STOCKMAN (*entrando*) — Já estou de volta. Prontas as provas?

HOVSTAD — Ainda não, doutor. Demorará um pouco.

STOCKMAN (*rindo*) — ô, desculpem, sei que estão trabalhando o mais depressa que podem... £ que não descanso enquanto não ver a coisa impressa! Para que todos os cidadãos possam ler! Deixo vocês trabalharem. Vou ao hospital e volto em uma hora, duas. (*Saindo.*) E obrigado, ãh? Mais uma vez... (*Entra a Sra. Stockman, em traje de passeio.*)

HOVSTAD — Sra. Stockman!

ALACKSEN — Não quer sentar-se?

STOCKMAN — Catarina, o que você veio fazer aqui?

CATARINA — Não me queiram mal, senhores, mas vim buscar meu marido. Os senhores não se esqueçam que ele tem família para cuidar!

STOCKMAN — Você ficou louca, Catarina? Então, pelo fato de um homem ter uma família para cuidar, perde o direito de proclamar a verdade?

CATARINA (*baixo, controlando-se*) — Há limite pra tudo, Tomas.

ALACKSEN — Comedimento e temperança.

CATARINA (*para Hovstad*) — E o senhor, eu nunca pensei! Incitando meu marido...

HOVSTAD — Eu lhe garanto, minha senhora, que não estou incitando...

STOCKMAN — E eu sou homem que se incite?

CATARINA — Perdão, meu querido, mas é sim! Sei perfeitamente que você é o homem mais inteligente da cidade, mas que se deixa levar, se deixa! (*Para Hovstad, baixo.*) Não sabe que ele vai perder o emprego no estabelecimento se o senhor publicar o que ele escreveu?

. STOCKMAN — Volta para casa, Catarina. Vai cuidar de lá que eu cuido de cá. Como você pode estar com tanto medo, me vendo tão satisfeito e confiante? Amanhã no salão dos proprietários... (*Vê o boné, a capa e a bengala do Prefeito.*) Já vi isso antes, na cabeça do poder.

CATARINA — O boné do Prefeito!

STOCKMAN — Sim, é claro que esteve aqui, Catarina! Veio cá e tentou convencer meus amigos a não publicar meu relatório, como você estava fazendo agora. Em que lugar que ele veio cair... E quando me viu chegando, escapuliu pela porta dos fundos, deixando os troféus. Não é isso, Alacksen? Hein, Biling? Hovstad? Não, não é isso. Peter não é de fugir assim, a raposa... Deve *estar* ainda por aqui em algum lugar? Onde é que vocês escondiam ele, hein? (*Coloca a capa, o boné, pega a bengala.*) *Espera, Catarina, para você ver o número.* (*Abre a cortina. Surge o Prefeito.*)

ALACKSEN (*um instante antes*) — Tome cuidado, doutor...

STOCKMAN — Boa tarde, irmão, que surpresa. Não é má essa tua roupa, tenho dúvidas é se me fica bem.

PREFEITO (*rubro de raiva*) — Devolve meu boné, minha capa e minha bengala.

STOCKMAN — Ainda não!

PREFEITO — Isso não é coisa com que se brinque. Esse uniforme é protegido pelos regulamentos.

STOCKMAN — Mas se a autoridade agora sou eu...

CATARINA — Tomas! Meu Deus... (*Começa a chorar.*)

STOCKMAN — Já organizei a reunião amanhã no Salão dos Proprietários e lá a verdade vai ser dita tintim por tintim. Você não vai ter o prazer de me destituir de meu cargo, vou te derrubar, Peter. Porque, para Prefeito, você não tem a menor vocação. Claro que não vou guardar raiva, se você quiser ir jantar hoje de noite em casa, vá que me dá muito prazer. Mas em nome da comunidade eu terei de derrubá-lo. E felizmente não me faltam forças para isso. Tenho a meu lado a maioria dos cidadãos! O jornal da cidade, os pequenos proprietários, à frente dos quais o Sr. Alacksen amanhã marchará...

ALACKSEN (*quase num susto*) — Não farei semelhante coisa! Eu não farei. (*Stockman não entende. Consulta Hovstad e Biling com um olhar.*)

PREFEITO — Agora pergunta ao jornal da cidade se prefere colocar-se ao lado da lei ou da

agitação.

HOVSTAD — A questão é complexa...

STOCKMAN — Mas o que significa isso?

*Hovstad (decidindo colocar-se)*

— O senhor não esclareceu certos pontos na questão das águas. Omitiu exatamente... as facetas fundamentais. Em princípio não poderemos apoiá-lo. (*Para o Prefeito.*) Em princípio.

STOCKMAN — Isto significa que os senhores se recusam a publicar meu relatório?

HOVSTAD — No momento não será possível publicá-lo.

STOCKMAN — Mas como, que conversa é esta? Como não é possível? O senhor não é o diretor do jornal? Que eu saiba são os diretores dos jornais que dirigem os jornais., -

HOVSTAD — Não. Não são. Quem dirige este jornal são os assinantes.

PREFEITO — Com a graça de Deus.

ALACKSEN — Quem dirige este jornal, meu caro doutor, é a opinião pública. Os proprietários das casas e outros, proprietários de outras coisas. É a maioria, o povo. Se seu artigo fosse publicado seria uma verdadeira ruína para o povo.

PREFEITO — Tomas... minha capa... meu boné... e minha bengala! (*Luzes se apagam.*)

## CENA 6 | *Casa de Stockman.*

*(Stockman discute com sua esposa | Catarina).*

STOCKMAN — Pára, Catarina, por piedade... eu preciso pensar!

CATARINA — Mas por que estão todos contra você? Deve ser culpa sua. Não ficam todos contra um homem se ele não provoca! Eu sabia que um dia você ia acabar brigando feio com seu irmão... e Peter é vingativo!

STOCKMAN — Calma, não está tudo perdido, ah, não está não! *(Um foco sobre Alacksen. Stockman vai lá.)* Sr. Alacksen, queira ter a bondade de imprimir este manuscrito sob minha responsabilidade e à minha custa! Faça uma tiragem de quinhentos, seiscentos... mil exemplares! Quanto poderia custar isso?

ALACKSEN *(trêmulo da cabeça aos pés)* — Nem por todo o ouro do mundo, doutor, o jornal poderia fazer o serviço, se existisse outra gráfica na cidade, ainda assim...

STOCKMAN — Sr. Alacksen...

ALACKSEN — Seria muito prejudicial para o senhor também, doutor! O senhor também tem família!

CATARINA — Com minha família me preocupo EU!!!

STOCKMAN *(voltando a Catarina)* — Não é preciso publicar... Eu lerei tudo em voz alta amanhã, em voz alta, no Salão dos Proprietários!!! *(Foco sobre Biling e depois, Hovstad.)*

BILING — No Salão dos proprietários não, doutor, desculpe. A Associação, em nome da sua Diretoria da qual faço parte, não pode permitir, desculpe. Nós, os pequenos proprietários...

HOVSTAD — Não creio que seja fácil arranjar um outro salão para este mesmo fim.

CATARINA — Mas por que estão todos contra meu marido? Tomas, por quê? *(Focos se apagam. Ficam Stockman e Catarina.)*

STOCKMAN — Porque não são homens, Catarina! São mulheres! Como você, que só pensam na segurança de suas famílias ao invés de se preocupar com o bem da comunidade. Eles querem calar a minha boca. Parece que não sabem que, se eu não encontrar um local para gritar minhas ideias arranjarei um tambor, para você, um apito para a Petra e iremos de esquina em esquina enquanto eu leio essa coisa!

PETRA *(entrando)* — Eu vou com você, pai!

CATARINA — Eu vou com vocês! *(Pausa.)* Sozinho eu não te deixo numa hora dessas! *(Luzes se apagam.)*

## CENA 7 | *Dia da Conferência.*

CAPITÃO — Dr. Stockman Teve grande dificuldade em conseguir local para a sua conferência. O Salão dos Proprietários foi negado, o círculo dos burgueses foi negado. O Clube Campestre, o Teatro Municipal... Stockman não teria conseguido um local de tamanho suficiente, caso o Padre não tivesse finalmente concordado em ceder o adro da igreja. A convocação para o evento foi feita pelas próprias Petra e Catarina, e também por este seu criado, que, boca a boca, pelas ruas, fomos avisando a hora e o local.

*(Enquanto o Capitão faz sua narração, é colocada uma mesa no centro do palco, com uma garrafa de água e um copo. Foi instalado atrás uma tela (branca ou vermelha). Entraram alguns atores, que falam por trás do pano, representando o povo.)*

CIDADÃO I — Então, você também veio, Lamstad?

MULHER I — Que vai acontecer, aqui?

CIDADÃO II — Não sei, mas vim, é uma reunião popular, e eu compareço a todas as reuniões populares.

*CAPITÃO [que olhava aquilo) — Não há dúvida que o clima é de tensão. Nota-se a expressão grave no rosto dos homens, os beliscões das mulheres em seus filhos, a inquietação é generalizada. (Enquanto fala, os outros atores foram para trás do pano e o Capitão vai também. Agora todos funcionam como sombras multiplicadas pelas luzes. O povo.)*

CIDADÃO III — É o doutor Stockman que vai fazer um discurso contra o Prefeito.

CIDADÃO IV — Mas como? Eles não são irmãos?

CIDADÃO V — Brigaram. É briga de irmãos.

CIDADÃO VI — Afinal, alguém sabe o que vai acontecer aqui hoje?

CIDADÃO I — O mensageiro já disse que ele não tem razão.

MULHER II — De fato, ele deve estar errado. Não conseguiu alugar nem o círculo da burguesia nem o Salão dos Proprietários!

*BILING (de trás dos panos) — Com licença, senhores... Delegado do “Mensageiro do Povo”... obrigado... licença. (Sai e vai colocar um livro de ata sobre a mesa. Tira também do bolso uma campainha.)*

CIDADÃO II — Esse quem é?

CIDADÃO IV — É o tal Biling, que trabalha no jornal do Alacksen.

CIDADÃO V — Digam-me, de que lado devemos ficar?

CIDADÃO II — Grande homem, Dr. Stockman...

MULHER I — Salvou a vida de meu filho.

*CIDADÃO VI — Devem ficar olhando para o impressor Alacksen, e fazer o que ele fizer. (Sai o*

*Prefeito detrás do pano e entra em cena. Vimos nas sombras ele vestir a capa e o boné e ele vai cumprimentar Biling, cumprimenta um espectador com um sorriso.)*

CIDADÃO I — *Olhem, é o Prefeito! (As sombras continuam a falar, agora num ritmo mais tenso.)*

MULHER II — O “Mensageiro do Povo” disse que o Dr. Stockman não tem razão.

CIDADÃO II — Mas não disse sobre o que...

MULHER I — É qualquer coisa sobre as águas...

CIDADÃO V — O doutor não tem razão...

MULHER II — Acho difícil o doutor não ter razão...

CIDADÃO IV — Imagine se fosse verdade, as águas envenenadas...

CIDADÃO V — Imagine...

CIDADÃO VI — O Prefeito deve estar com a razão, senão teria mandado um representante.

MULHER U — Até segunda ordem, sou a favor do doutor!

*MULHER I Afinal, de que lado devemos ficar? (Saem todos juntos detrás do pano. Biling coloca uma cadeira e o Prefeito senta. Biling trouxe outras cadeiras para a cena.)*

CAPITÃO *(trazendo Catarina e Petra)* — Aqui, fiquem aqui! Perto da saída. É melhor, caso aconteça alguma coisa.

CATARINA *(aflita)* — O senhor acha que pode acontecer alguma coisa?

PETRA — É apenas uma preocupação, mãe. *(Sentam.)*

*(Stockman ficou atrás, vemos srn sombra, impaciente, relatório na mão)*

ALACKSEN *(para o Capitão)* — Onde está ele? Stockman ainda não chegou?

CAPITÃO — *Está na sacristia aguardando a hora. (Entra Stockman, com a pasta, vestido especialmente. Biling e Hovstad retiram o pano. Stockman cumprimenta e vai até Catarina.)*

STOCKMAN — Não te preocupes, Catarina.

CATARINA — Não te exaltes, Tomas.

STOCKMAN — De modo algum. Bem, é hora. Vou começar. *(Abre a pasta.)*

ALACKSEN *(para todos)* — Não seria melhor antes... eleger um presidente de mesa?

STOCKMAN — Para quê? Não é debate. É uma conferência, coisa minha que desejo expor.

PREFEITO *(da sua cadeira)* — Concordo que alguém deve dirigir os debates, caso hajam. Se me permite a opinião.

HOVSTAD — O “Mensageiro do Povo” conhece o conteúdo da conferência do doutor. Pode gerar controvérsias. É justo que os cidadãos possam discuti-la em condições adequadas. *(Salva de*

*palmas.*)

BILING (*colocando copo e garrafa sobre a mesa*) — A vontade dos cidadãos, parece eleger um presidente de mesa.

STOCKMAN (*irritado, mas controlando-se*) — Então, por mim está bem.

ALACKSEN — O senhor prefeito!... O senhor prefeito aceita esta, digamos assim, incumbência?

PREFEITO — Não, não. Eu não aceito. (*Calmo, porém severo.*) Vários motivos de fácil compreensão obrigam-me a declinar desta honra. (*Levanta-se e jala para todos.*) Porém temos entre nós um homem perfeitamente capacitado para a função... o presidente da Associação dos Proprietários das casas, o senhor impressor, Alacksen. (*Senta. Salva de palmas.*)

BILING (*tomando nota*) — Tomo a liberdade de consignar na ata que o Sr. Alacksen foi eleito por aclamação.

ALACKSEN (*levantando*) — Muito obrigado. Chamado pela confiança dos concidadãos estou sempre pronto. (*Enquanto isso acontece, Biling retira os biombos que fizeram as sombras e cria-se uma situação embaraçosa. A mesa só tem uma cadeira. Stockman dá a cadeira a Alacksen. Biling traz outra para ele, que é posta ao lado.*)

ALACKSEN (*sentado*) — Bem, uma vez que estou neste posto, quero pedir permissão para dizer algumas palavras. (*Palmas.*) Sou um homem pacífico e tranquilo que preza a moderação refletida e a reflexão moderada. Todos que me conhecem podem atestá-lo.

PREFEITO — Certamente!

ALACKSEN — Aprendi na escola da vida que a temperança é a virtude de maior proveito para o cidadão. Assim sendo peço ao honrado amigo que convocou a reunião desta noite, que se mantenha dentro dos limites das citadas moderação e temperança. Alguém quer a palavra?

(*Pausa. Todos se entreolham.*)

PREFEITO — Sr. Presidente!

ALACKSEN — Tem a palavra o Prefeito, Stockman.

PREFEITO — Dado o parentesco íntimo que me mantém ligado, como todos sabem, ao médico das termas, preferia não fazer uso da palavra esta noite. (*Palmas discretas.*) Porém... (*Levanta.*) Como representante oficial dos donos das termas e prefeito de Molendal, sinto-me obrigado a apresentar uma proposta inicial. (*Agora, para Stockman.*) Levando em conta que nenhum dos cidadãos aqui presentes está interessado na divulgação de certos boatos sem fundamento, ou pelo menos exageradíssimos, quanto ao nível de pureza de nossas águas... proponho que não seja autorizado ao médico Stockman ler ou desenvolver sua exposição científica. Obrigado. (*Senta.*)

STOCKMAN (*perplexo*) — Não seja autorizado? Mais essa!

CATARINA (*indignada*) — Você não tem o direito de propor uma coisa dessas, Peter Stockman...

PETRA — O pai tem o direito de falar!

ALACKSEN — Senhoras, por favor!

PREFEITO (*elevando a voz*) — No nosso bravo periódico “O Mensageiro do Povo”, já informei o público sobre 05 fatos essenciais da questão. De tal modo que os cidadãos bem pensantes já firmaram sua opinião. O projeto do nosso caro Tomas, conforme já expliquei, além de constituir um voto de desconfiança quanto aos dirigentes do estabelecimento, tende a impor ao contribuinte pesadíssima carga extra de impostos, pelo menos uma dezena de milhões de coroas...

ALACKSEN — Silêncio, senhores! Tomo a liberdade de apoiar a moção do Prefeito. Desculpe, doutor, não posso acompanhá-lo. A música aqui vai sair cara e nem todos somos ricos. Eis o que penso, queira desculpar.

BILING (*para a platéia*) — Muito bem dito, muito bem. (*Bate palmas educadas.*)

HOVSTAD — Também sinto necessidade de explicar publicamente minha atitude. O movimento criado pelo Dr. Stockman contou, no início, com minha simpatia e apoiei-o tão imparcialmente quanto pude. Mas posteriormente verificamos que tínhamos sido induzidos ao erro, que o exposto era falso.

STOCKMAN — Falso!!!

HOVSTAD — Digamos “suspeito”!

ALACKSEN — Estou inteiramente de acordo com o orador.

HOVSTAD — Dr. Stockman, neste caso, tem contra si a vontade geral, portanto, tem contra si o mensageiro do povo. (*Palmas.*) Embora me doa romper com um homem de quem fui assíduo comensal, um homem nobre, cujo defeito é deixar-se levar pelo exagero, consultando mais o coração que a cabeça. (*Petra levanta-se, indignada.*)

STOCKMAN — Senta, filha, é incrível, mas eles são assim mesmo.

ALACKSEN — Assim sendo, ponho em votação a proposta do Prefeito.

STOCKMAN (*indo sentar-se com a família*) — Não, não precisa, não. Eu desisto da conferência, eu. Não vou mais ler o relatório nem fazer conferência nenhuma... (*Perplexidade.*) Mas quero a palavra! Uma ameaça maior que a infecção das águas paira sobre a cidade, e sobre isso preciso falar!

ALACKSEN — O doutor com a palavra!

STOCKMAN — Quero revelar a vocês todos uma descoberta que fiz de muito maior alcance que uma localização errada de canos ou uns banhos podres...

HOVSTAD — Silêncio sobre os banhos! O senhor se comprometeu com a Assembleia, nem uma palavra a respeito!

STOCKMAN — Minha nova descoberta não diz respeito à fonte das águas, e sim a outra fonte, a fonte moral da nossa existência...

PREFEITO (*para Biling*) — Que insinuação!...

STOCKMAN — Não apenas os encanamentos mas também nossa sociedade está repousando em solo pestilencial, o solo pestilencial da mentira.

ALACKSEN (*toca a campainha*) — O orador deve moderar-se.

STOCKMAN — Peço que me dêem atenção por alguns instantes, quanto mais não seja em respeito ao trabalho dedicado que venho realizando há muitos anos pela gente de nossa querida Molendal. (*Catarina aplaude. Outros seguem. Silêncio.*) Quando vim morar nesta cidade, antes de vir para cá, passei alguns anos no extremo norte do país, em contato direto com homens que viviam tão miseravelmente que eu muitas vezes me perguntava se era preciso mesmo um médico ali, se não seria melhor um veterinário...

BILING (*que tomava notas na ata, suspende a caneta*) — *Que Deus me castigue se jamais ouvi...*

HOVSTAD — Isto é vilipendiar uma honrada população.

STOCKMAN — Porém quando tive a ventura de chegar aqui, minha esperança e fé renasceram e sonhei' criar aqui um grande estabelecimento termal, consagrando-me inteiramente ao bem de minha cidade natal e da gente de minha terra. (*Palmas definidas. Contendo os aplausos.*) Na ilusão dessa esperança vivi longos anos, até anteontem de tarde. Quando meus olhos se abriram e eu vi, perplexo, uma série de coisas. Entre as quais a extrema burrice de nossos dirigentes.

PREFEITO (*levantando-se*) — Senhor Presidente!

ALACKSEN (*nervoso, batendo a campainha*) — Não foi para isso que lhe concedemos a palavra...

STOCKMAN Outra burrice, Sr. Alacksen, dar tanta importância a uma palavra. Detesto os dirigentes.

É impossível para um homem livre dar um passo em qualquer direção que seja sem esbarrar com um deles.

HOVSTAD — Senhor Presidente, são permitidas tais expressões?

STOCKMAN — Levei muito tempo para ver dentro da alma desses senhores... Embora tivesse sob meus olhos, desde a infância, um exemplar soberbo da espécie sinistra, na figura de meu irmão, Peter, um homem de movimentos lentos e preconceitos tenazes. .. Mas eu não direi mais nada sobre dirigentes, parece que o assunto exalta os ânimos. E não é preciso perder tempo. Tenho convicção íntima que no mundo tudo tem jeito e que retrógrados não são mais que velhos destroços de um mundo intelectual decadente. Eles próprios se encarregarão, lutando uns contra os outros, da própria extinção.

PETRA — Bravo, pai, que coragem..

CATARINA — Senta, menina.

STOCKMAN (*indo beijá-la*) — Não é preciso um médico para lhes apressar o falecimento. Além do que não são eles o grande perigo, não são eles os inimigos terríveis da verdade e, portanto, da liberdade. Não são eles!

HOVSTAD — Quem são?

ALACKSEN — Quem são?

CATARINA — Quem são, Tomas?

PREFEITO — Quem são?

STOCKMAN — Eu respondo. Sinto medo, mas hoje direi tudo. Meus amigos, o maior inimigo da verdade, e portanto, da liberdade entre nós é essa coisa terrível que tem o nome de maioria. (*Perplexidade.*) A maioria liberal, a maioria popular, é ela! Vocês, eles, eu, o povo. O povo é o maior inimigo do povo. Pronto, já sabem!

CATARINA — Tomas!. \_

CAPITÃO — Calma, por favor...

PETRA — Pai!

HOVSTAD — É revoltante!

BILING — Meu Deus, não é possível...

PREFEITO — Não acredito no que ouvi...

(*Essas vozes vêm todas juntas, com vozerio, o maior de todos.*)

ALACKSEN — A Assembleia exige que o orador retire as palavras que disse!!!

PREFEITO — Apoiado!

STOCKMAN — De modo algum, Sr. Alacksen, não retirarei. Não é a grande maioria da população que está tirando o meu direito de dizer a verdade sobre as águas?

HOVSTAD — O direito está sempre com a maioria!

BILING — A verdade está sempre com a maioria!

STOCKMAN — Não, nunca! O direito não está com a maioria NUNCA. Nunca, eu lhes digo. Essa é apenas mais uma mentira social, tomada sagrada pela repetição, que interessa aos poderosos. Uma mentira social com a qual um homem de bem deve insurgir-se. O que é a maioria? Quem é a maioria? Se pensarmos nesta cidade, no país ou no mundo inteiro, veremos com clareza que os imbecis formam nele uma maioria esmagadora... E mesmo que o diabo queira, senhores, o direito não pertence à imbecilidade, pertence à inteligência. (*Vozerio com ruído de tensão. Tendo de gritar.*) Podem gritar mais alto que eu, mas não podem me responder. (*Silêncio.*) A maioria infelizmente, muitas vezes tem o poder. O direito está sempre com as minorias.

HOVSTAD — Um aristocrata! O Dr. Stockman de anteontem para cá transformou-se em um

aristocrata...

BILING — É revoltante...

*PETRA (tentando falar com todos)*

— Não é contra o povo que meu pai fala, não. Não é contra cada um, que trabalha o dia inteiro para ganhar o pão de cada dia, que não tem tempo para política, e que obedece sem saber o que está fazendo aquilo que o Mensageiro escreve, e o Mensageiro escreve o que o Prefeito manda...

HOVSTAD — Proponho que as mulheres não tenham acesso à palavra, o assunto é grave!

ALACKSEN — Aceita a proposta por questão de ordem..

STOCKMAN — Senhores, permitam que eu lhes fale ainda um pouco... e como gostaria de poder falar com cada um! Não peço que concordem, mas que ouçam... quando me refiro a minorias, quando me refiro a elites...

HOVSTAD — Meu caro, eu descendo de uma família de lavradores. E tenho orgulho de pertencer a esta plebe que o senhor agora está ofendendo!

STOCKMAN — Para encontrar a plebe que eu estou agora ofendendo, Sr. Hovstad, não vai adiantar ir ao campo. Lá, do que sei, é exatamente onde há menos dessa gatinha...

BILING (*com ódio*) — Eu não entendo o que ele fala...

STOCKMAN — Basta olhar para o lado, para nosso Prefeito. Tão limpo, tão bem cuidado meu irmão! Ninguém é mais plebeu do que ele!

CATARINA — Você está perdido, meu amor, perdido!

PREFEITO — Protesto contra tais personalizações!

ALACKSEN — O honrado orador afasta-se do assunto...

PREFEITO — De acordo...

STOCKMAN — Porque um homem que pensa primeiro no que convém aos seus dirigentes, este é um plebeu, um homem que entra em acordos com o poder é um plebeu...

HOVSTAD — Dr. Stockman transformou-se num revolucionário.

STOCKMAN — Da revolução da verdade contra a mentira, confesso. Nada mais é odiado entre nós que a verdade, portanto é preciso protegê-la.

HOVSTAD — Notem bem as palavras! Notem bem...

STOCKMAN — As verdades em cima das quais edificamos o nosso mundo já estão velhas, esclerosadas, em passos rápidos para a decomposição, como as substâncias orgânicas de nossas águas. Digamos que não são mais verdades, sendo portanto mentiras.

BILING (*baixo*) — Rua com o cidadão que diz essas coisas!

STOCKMAN — Quando uma verdade chega a certo ponto, a ponto de atacar e destruir quem dela

discorda, ao ponto de ser aceita por todos, então há muito se transformou numa mentira.

CAPITÃO — Controle-se, Tomas... Não adianta, pra quê?

HOVSTAD — Em vez de divagações, quem sabe o doutor não pode nos dizer que verdades são estas nas quais acreditamos...

PREFEITO (*indignado*) — Talvez a liberdade, a igualdade e a fraternidade!!!

STOCKMAN — Três belas palavras, Peter, que não têm o mesmo significado que tinham no tempo da guilhotina! Hovstad, a única verdade que interessa é a que foi descoberta dentro de cada um, a única Revolução consequente é a do espírito!

ALACKSEN (*com um soco na mesa*) — *Basta, basta!*

STOCKMAN — Podem me calar mas não podem me responder. Cuidado, senhores, para não confundir a liberdade com liberdades políticas, cuidado... o inimigo não está lá fora! (*Silêncio geral.*)

BILING — Proponho ao presidente cassar a palavra do orador.

HOVSTAD — Não há dúvida que Dr. Stockman tem por intenção a ruína da cidade!

PREFEITO — Como autoridade, sinto-me profundamente enojado com o que ouvi aqui. Tomas Stockman sempre nos pareceu um homem de bem, mas estávamos sendo covardemente enganados. Ele não gosta do povo, não pertence ao povo, é um demônio que nos joga uns contra os outros, ameaçando a segurança de cada um. (*Palmas.*) Por isso eu proponho, à mesa desta Assembleia, e ponho a proposta em votação, considerar Tomas Stockman, deste momento em diante e para sempre, o ex-médico das Termas, Tomas Stockman, um elemento antissocial, um inimigo do Povo!

BILING — *Que Deus me castigue, se não acabo de ouvir a voz de nós todos... (Puxando o coro.) Inimigo do povo... (O coro repete ensurdecedor. Catarina e Petra se unem e saem, ajudadas pelo Capitão.)*

## CENA 8 | *Narração dos acontecimentos após a Assembleia*

CAPITÃO — A multidão enfurecida perseguiu Stockman e sua família pelas ruas de Molendal, numa algazarra jamais vista por aquelas paragens. Archotes foram acesos, os ânimos se dispuseram a tudo, e a passeata marchou sem trégua até a porta da casa do doutor, onde parou por quase uma hora. Pareciam incansáveis as vozes que gritavam a expressão do Prefeito, “inimigo do povo” e como na rua há pedras, e como há vidros nas casas, foram devidamente quebradas as vidraças de Stockman.

## CENA 9 | *Casa de Stockman*

*(Stockman pega uma pedra no chão. Examina. Entra Catarina.)*

STOCKMAN — Olha, mais uma.

CATARINA — Certamente não será a última.

STOCKMAN *(juntando outras)* — Vou guardar essas pedras todas. São meu tesouro, a herança de Petra. Onde está ela?

CATARINA — Na escola.

STOCKMAN — E o vidraceiro, quando vem? Vai custar uma fortuna.

CATARINA — Não vem. Mandou dizer que hoje não é possível.

STOCKMAN — Não se atreve, deve ser isso.

CATARINA — E chegou carta pra ti.

STOCKMAN — Deixa ver... *(Lê.)* Ah, bem...

CATARINA — De quem é?

STOCKMAN — Do proprietário da casa, rescindindo o contrato.

CATARINA — Um senhor que sempre nos tratou tão bem...

STOCKMAN — Ele explica, coitado. Diz que não pode agir de outra forma, em consideração a seus concidadãos. que não é um homem independente e etc... etc...

CATARINA — Está vendo, Tomas?

STOCKMAN — Sim, estou vendo. Mas não tem importância, Catarina, agora que vamos para a América.

CATARINA — Ma^será que isso está certo, Tomas, embarcamos assim?

STOCKMAN — Não podemos continuar aqui, Katia, ôpa, minhas calças rasgaram.

CATARINA *(vendo)* — Logo tuas melhores calças! Deve ter sido na saída da igreja.

STOCKMAN — Donde se conclui que não se deve usar as melhores calças quando se luta pela liberdade.

PETRA *(entrando)* — Bom-dia, pai. Bom-dia.

CATARINA — Mas já voltaste da escola?

PETRA — Sim, fui despedida.

CATARINA — Despedida!

STOCKMAN — Você também?

PETRA — A senhora Busk fez insinuações. Então preferi sair imediatamente.

STOCKMAN — Fez muito bem.

CATARINA — Mas a senhora Busk te adora!

PETRA — Ela estava tristíssima. Mas não se atrevia a proceder de outra forma, conforme disse.

STOCKMAN — Mais uma que não se atreve, é encantador.

PETRA — E não é só isso, pai. Ela até me mostrou três cartas que recebeu hoje de manhã.

STOCKMAN — Anônimas, naturalmente.

PETRA (*rindo*) — Naturalmente.

STOCKMAN — Dizendo...?

PETRA — Que certas pessoas que frequentavam a nossa casa afirmam que temos ideias excessivamente livres sobre certos assuntos e que como pais de alunos, temem pela corrupção de seus filhos...

STOCKMAN — Arruma as malas, Catarina. Quanto mais cedo sairmos de Molendal, melhor.

CATARINA — Psiu... está chegando alguém! (*Entra o Capitão.*)

CAPITÃO — Bom-dia, quis saber como iam hoje.

*STOCKMAN (apertando-lhe a mão)*

— Obrigado.

CATARINA — Não temos como lhe agradecer de ter nos acompanhado até aqui ontem, Capitão.

PETRA — Como conseguiu voltar para a sua casa?

CAPITÃO — Não foi difícil não. Sou bastante musculoso e eles gostam é de falar.

STOCKMAN — Venha cá, veja uma coisa curiosa. São as pedras que nos atiraram. Apenas duas ou três são capazes de machucar, o resto é cascalho. No entanto gritavam que iam me estraçalhar.

CAPITÃO — Antes assim.

STOCKMAN — Mas é curioso. Enfim ... sou um inimigo do povo, segundo eles dizem.

CATARINA — É coisa que não serás nunca. Tomas.

STOCKMAN — Mas são palavras difíceis de digerir. Estou com elas aqui, na boca do estômago. E acho que magnésia não vai adiantar. Quando pensa em partir, Capitão?

CAPITÃO — É justamente isso que vim falar.

CATARINA — Aconteceu alguma coisa com o navio?

CAPITÃO — Não. É que não partirei.

PETRA — Não me diga que também foi despedido!

CAPITÃO — Isso mesmo. (*Sorri.*)

STOCKMAN — Oh, eu sinto muitíssimo. •

CAPITÃO—Não, não se preocupe. Para mim é fácil arrumar emprego em outra companhia de navegação de outra cidade.

STOCKMAN — Mas o Sr. Vik é um homem rico, independente...

CAPITÃO — Mas não se atreve.

STOCKMAN — Sim, claro. Mas a América, Capitão, diga-nos de verdade, como é por lá?

CAPITÃO — Um lugar como os outros. Mais novo, portanto mais bonito.

STOCKMAN — Mas eles amara a liberdade lá, na América, não é assim?

CAPITÃO — Pelo menos assim afirma a maioria compacta. (*Riem.*)

PETRA — Talvez uma ilha nos mares do sul, pai.

CAPITÃO — Lá é bom.

CATARINA — Menina, não é hora de brincadeira.

STOCKMAN — Não fica preocupada, Catarina. Afinal, não tem ninguém doente.

CATARINA — Não podemos dizer que vai tudo bem.

STOCKMAN — Mas vai logo ficar tudo bem, não é, Petra?

Petra — É, pai.

STOCKMAN — Estou desempregado, não há dúvida. Mas nós temos uma reserva, uma pequena reserva, mas você quando resolve economizar... Além de que, sabemos viver com pouco dinheiro. E eu sou muito trabalhador, gosto de trabalhar, eu. Vou arranjar dinheiro de algum jeito, seja onde for. Isso não me preocupa... Eu já sei! Eu já sei o que vamos fazer! Petra, você não vai mais ensinar em colégio nenhum, Petra, afinal são todos umas drogas... Nós vamos abrir uma escola, nós dois! Que acha da ideia, hem, aceita?

PETRA — Aceito.

Catarina (*botando a mesa*) — Você está esquecendo que não podemos mais morar aqui, Tomas? A Associação dos Proprietários está fazendo circular uma lista de casa em casa. Todos os cidadãos bem pensantes são convidados a se absterem de te consultar. Nenhum chefe de família negará sua assinatura. Eles não se atrevem, simplesmente. Não podemos continuar aqui.

STOCKMAN — Podemos. E vamos. Quem vai nos expulsar? Vamos continuar residindo na bela Molendal, no subúrbio, naturalmente. Eu tenho lá muitos clientes. São os que não podem pagar, claro, mas... Nada de América, vamos ficar aqui, no coração da besta. E agora, quanto à escola... Petra, você acha que me arranja assim, entre essa garotada que você conhece, uma turma de uns doze, assim... uns garotos bem vagabundos, bem moleques, irreverentes...

PETRA — Conheço uma porção, pai.

STOCKMAN — ótimo, cansei dos cães de raça. A coisa vai ter de vir dos vira-latas, ou não virá

de lugar nenhum. Vai ser fascinante, filha, podemos dar aula na igreja, acho que lá ainda me deixam entrar. E quem sabe. a gente não encontra entre esses garotos uns tipos ambiciosos, extraordinariamente ambiciosos, que não desejem mais nada senão ser homens e ensinar os outros a mesma tarefa. Que acham da ideia?!

CATARINA — Quanta animação, marido.

STOCKMAN — Tenho que estar animado, Cátia, pois não sou agora o homem mais forte do mundo?

CATARINA — O homem mais forte... agora?

STOCKMAN — Psiu... É que fiz uma outra descoberta, grande descoberta.

CAPITÃO — Mais outra?

PETRA — Pai...

STOCKMAN — Venham cá todos, Capitão, venha mais perto. Tenho de falar baixo porque é um segredo, um segredo até que todos descubram por si. (*Todos se reúnem em torno de Stockman.*) O homem mais forte é o que está mais só. (*Luzes se apagam lentamente com música alegre.*)

F I M